

Caríssimos amigos,
tínhamos marcado encontro nos Exercícios Anuais da Fraternidade com a pergunta: «O que é que nos arranca do nada?». Um imprevisto imponente e dramático obrigou-nos a renunciar ao nosso encontro, sempre profundamente aguardado por todos. Isso não fez a pergunta perder força, antes a tornou ainda mais premente, devido à natureza do desafio que estamos a enfrentar no mundo inteiro. A situação criada torna, portanto, ainda mais urgente o confrontarmo-nos com a pergunta, procurando uma resposta que se revele à sua altura. Pareceu-nos por isso necessário continuar a acompanharmo-nos neste tempo vertiginoso, em que o nada pesa tão fortemente sobre a vida de todos. Desejamos estar diante da provocação que a todos diz respeito sem nos retrairmos, o que nos permitirá verificar se o conhecimento novo e a afeição nova, próprios da «criatura nova» gerada pelo Batismo, se estão a tornar em nós «a consciência normal com que se atravessa todo o complexo de circunstâncias do real» (L. Giussani-S. Alberto-J. Prades, Gerar rasto na história do mundo, Paulus, Lisboa 2019, p. 83). Don Giussani oferece-nos uma sugestão metodológica preciosa para levar a cabo esta verificação: «Para que a mentalidade seja verdadeiramente nova é preciso que da consciência do seu “pertencer” ela esteja continuamente empenhada na confrontação com os acontecimentos presentes». O empenho na confrontação com os acontecimentos presentes é o método que nos é indicado para que a mentalidade se torne verdadeiramente nova. Com efeito, «se não tem que ver com a experiência presente, o conhecimento novo não existe, é uma abstração. Neste sentido, não fazer juízos sobre os acontecimentos é mortificar a fé» (ibidem, p. 84). A promessa de que tal comparação pode fazer florescer em nós aquela criatura nova, que nasce do Batismo e é despertada no encontro com uma comunidade cristã viva, torna fascinante este nosso caminho comum. O texto que estou a preparar, e sobre o qual iremos trabalhar nos próximos meses, pretende ser o seu instrumento. Aqui de seguida, podem ler a Introdução.

Julián Carrón
maio de 2020

O QUE É QUE NOS ARRANCA DO NADA?

por Julián Carrón

INTRODUÇÃO

«Que é o homem para Vos lembrardes dele, o filho do homem para dele cuidardes?».¹

Que força têm hoje estas palavras do Salmo, depois de nos termos dado conta, de forma mais lúcida, do nosso nada, da nossa fragilidade e impotência, por causa de um vírus que pôs o mundo inteiro entre a espada e a parede! Esta consciência, que a experiência do Coronavírus nos fez ganhar, faz vir ao de cima, ainda mais, todo o nosso espanto – precisamente quando fazíamos a experiência dos outros que se afastavam de nós por causa do contágio – pela presença de Alguém que cuida de nós, para quem nós valemos mais do que todo o universo: «Amei-te com um amor eterno, tendo piedade do teu nada».²

Como podemos começar o dia sem nos comovermos com esta preferência que sentimos por nós? Ainda mais neste tempo. Qual é a natureza de tal preferência? A graça de nos ter feito partícipes desta notícia: que não estamos sozinhos com o nosso nada, que Ele existe, que Cristo existe. A Sua presença, com efeito, uma presença que permanece na história, é o dom mais precioso que nos foi dado receber. Por isso ao acordar, cada manhã, pedimos: *Veni Sancte Spiritus. Veni per Mariam*, para que esta preferência vibre ainda mais em nós e possamos cada vez mais saborear, apreciar, este dom, sem o qual não conseguiríamos sequer olhar para a nossa condição existencial.

«O que é que nos arranca do nada?». Esta é a pergunta que deveria conduzir os nossos Exercícios Espirituais anuais, o gesto mais importante na vida da Fraternidade. Se a emergência sanitária nos impôs renunciar a eles, não cancelou, porém, a pergunta, que adquiriu aliás, precisamente à luz dos acontecimentos recentes, um peso específico ainda maior. A pergunta, enviada antecipadamente a todos os que teriam participado nos Exercícios, para favorecer uma atenção à sua experiência e o amadurecimento de um contributo pessoal, provocou uma forte movimentação e um turbilhão de gratidão. É a prova de que – como já tinha acontecido no ano passado³ – quando uma coisa capta a nossa humanidade, com todas as suas feridas, nós nos damos imediatamente conta disso e reagimos. «O que é que nos arranca do nada?». A pergunta foi entendida como sendo pertinente à experiência da vida, suscitando imediata gratidão, e ao mesmo tempo como um grande gesto de amizade. Isto deita uma luz também sobre o sentido da palavra amizade: somos amigos para nos ajudarmos a não ter medo das perguntas, mesmo daquelas que interpelam e inquietam, que ferem e nos abanam. Estarmos juntos não poderia ser amizade se as metêssemos de alguma maneira de parte. Depois de ter recebido a pergunta proposta, um de vocês, no início da sua carta, escreveu-me: «Desculpa se não te trato por você. Queria escrever-te como a um amigo, um amigo a quem peço ajuda, um amigo a quem peço o impossível. E eu trato os amigos por tu». Sermos amigos significa olharmos de frente, juntos, com toda a nossa humanidade, tal como é, para esta pergunta: «O que é que nos arranca do nada?».

1. De que nada é que estamos a falar?

Se falámos de um «nada» é porque a existência do homem contemporâneo – ou seja, a nossa existência pessoal e social –, de uma maneira cada vez mais clara e imponente, sem especiais clamores ou avisos e, no entanto, não sem efeitos visíveis, surge marcada pelo niilismo. Não estamos a fazer alusão a uma corrente cultural, mas a uma situação existencial. É para esta situação que nos interessa olhar, ainda que apenas nos seus traços essenciais, não por gosto analítico ou descritivo, mas sim com

¹ Sal 8,5.

² Cf. Jer 31,3.

³ Referência aos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação com o título «O que é que resiste ao impacto do tempo?», realizados em Rimini de 12 a 15 de abril de 2019.

a paixão de quem deseja descobrir uma estrada que permita à vida de cada um de nós caminhar em direção à sua realização, nas circunstâncias dadas, quaisquer que sejam.

Que características tem o niilismo que, de modo mais ou menos explícito, mais ou menos consciente, se insinuou na nossa forma de pensar e de viver?

Por um lado, ele apresenta-se como uma suspeita sobre a consistência última da realidade: tudo acaba no nada, também nós próprios. «Da percepção vertiginosa da aparência efémera das coisas, desenvolve-se, como sujeição e negação enganadora, a tentação de pensar que as coisas são ilusões e nada».⁴

Por outro lado – ligado ao primeiro –, ele apresenta-se como uma suspeita sobre a positividade da vida, sobre a possibilidade de um sentido e de uma utilidade da nossa existência, que se traduz normalmente na percepção de um vazio que ameaça tudo aquilo que fazemos, determinando um desespero subtil, mesmo em vidas atarefadas e cheias de realizações, com agendas recheadas de encontros e de projetos para o futuro.

Um conhecido filme dos anos oitenta, *A história interminável*, faz alusão a esta situação de forma sugestiva e eficaz. Trata-se do diálogo entre Gmork, o «servo do Poder que se esconde por detrás do Nada», e Atreyu, o jovem herói chamado para deter o Nada. «As pessoas desistiram de esperar. E esquecem-se dos seus próprios sonhos. Assim o Nada espalha-se», diz o primeiro. «O que é esse Nada?!», pergunta-lhe o segundo. «É o vazio que nos rodeia. É o desespero que destrói o mundo, e eu tratei de o ajudar [...] Porque é mais fácil dominar quem não acredita em nada. E esta é a forma mais segura de conquistar o poder».⁵

Nestas sugestivas metáforas exprime-se qualquer coisa daquela atitude que hoje referimos com a palavra «niilismo». Todos podemos reconhecê-lo: o «nada que se espalha» na vida, o «desespero que destrói», «o vazio que nos rodeia», ou seja, que se torna fenómeno social.

Talvez o facto de termos sido obrigados a parar por causa do Coronavírus nos tenha feito refletir, como não nos acontecia há muito tempo, sobre quem somos, sobre como e de que vivemos, sobre que consciência temos de nós mesmos e das coisas. Como diz Tolstoi: «Bastaria ao homem de hoje interromper um instante a sua atividade e refletir, confrontar as exigências da sua razão e do seu coração com as atuais condições da existência, para se aperceber de que toda a sua vida, todas as suas ações, estão numa contradição permanente e gritante com a sua consciência, a sua razão e o seu coração».⁶

Eis como uma jovem liceal se deu conta de si, parando para refletir: «Durante a primeira semana de quarentena creio que vivi, como muitos outros, momentos de grande desconforto. A ideia de estar fechada em casa sem ver os meus amigos, o meu namorado, ou não poder sair livremente aterrorizou-me. Depois, porém, fiz uma série de telefonemas que me animaram. Em especial, o que fiz a um amigo meu que, diante do meu “estou bem, mas não muito”, quis aprofundar um pouco. Falando com ele, dei-me conta de que há muito tempo não me interrogava, deixava que tudo passasse por mim, um pouco por medo, um pouco porque não queria chegar a respostas incómodas. Dei-me conta de como era estúpido não me interrogar, se depois não era feliz. Assim, comecei a perguntar-me o que verdadeiramente me fazia medo e dei-me conta de que aquilo que me causa mais ansiedade é o silêncio, porque me leva a pensar, coloca-me diante das minhas perguntas. E o primeiro motivo pelo qual tenho medo de me fazer perguntas é o facto de temer não ter respostas. Isto explica por que razão eu fujo tanto do inevitável silêncio que me assalta antes de adormecer. Para evitar sentir-me esmagada, faço com que a minha cabeça seja invadida por pensamentos de todo o tipo, para assim não me preocupar em olhar para mim mesma, até chegar o momento do sono. Preocupa-me a resposta que algumas perguntas podem ter, temo que me obriguem a ter em conta partes de mim que não quero conhecer, ou que me façam empreender um caminho difícil. Como disse o meu amigo, prefiro viver numa bolha feita de sorrisos, gargalhadas, momentos de desconforto e tristeza, todos extremamente

⁴ L. Giussani, *L'uomo e il suo destino*, Marietti 1820, Génova 1999, p. 13.

⁵ *A história interminável (Die unendliche Geschichte*, RFT 1984), realização e guião de Wolfgang Petersen.

⁶ L. Tolstoi, *Il risveglio interiore*, Incontri Editrice 2010, Versão Kindle.

desvitalizados, tornados opacos. Vivo num carrossel de emoções que um dia me leva para cima, e no outro me faz cair no mais sombrio desconforto; exalto-me durante o tempo em que vivo aquela emoção, para depois fechar tudo na caixinha das “belas experiências”. Mas dou-me conta de que isto não me basta, eu quero muito mais, quero alguma coisa que deve ser necessariamente grande, porque – come dice Kierkegaard – “nada de finito, nem sequer o mundo todo, pode satisfazer a alma humana que sente a necessidade do eterno”».

Há algum tempo, a *Tracce* descrevia o niilismo de que estamos a falar como «um inimigo subtil, difícil de agarrar e decifrar porque nem sempre se apresenta com traços nítidos [...], mas, muito mais vezes, tem a atitude impalpável de um vazio irrecuperável». ⁷ Impalpável e ao mesmo tempo muito concreto. Um amigo universitário percebia-o nestes termos: «O nada é muito mais subtil e insinuante do que eu imaginava, o pequeno nada quotidiano que tantas vezes arrisca dominar nos meus dias».

Tentando focar o mais possível o problema – que alguns talvez nem sequer vejam, ou se obstinem em não ver –, podemos dizer: a suspeita sobre a falta de consistência do real e a desconfiança da possibilidade de significado e de realização da existência entrelaçam-se e sustentam-se reciprocamente naquele niilismo que nos diz respeito a todos.

A forma atual de niilismo pode ser descrita, em suma, como um sentimento de vazio fora (o contexto em que estamos a viver, que talvez se possa traduzir na «bolha feita de sorrisos, gargalhadas, momentos de desconforto e tristeza, todos extremamente desvitalizados, tornados opacos») e dentro de nós («dou-me conta de que isto não me basta, eu quero muito mais»), cuja consequência é um enfraquecimento da relação com a realidade, com as circunstâncias, que no fim de contas parecem todas insensatas, não merecendo obter de nós um verdadeiro assentimento. Há aqui como que um *torpor* do eu, que trava o envolvimento com aquilo que acontece, mesmo quando estamos presos à vertigem de atividades frenéticas; aquelas atividades que, repentinamente e durante algum tempo, foram interrompidas pelo Coronavírus – e assim, muito ou pouco, fomos todos de alguma maneira “obrigados” a pensar para onde estamos a caminhar, o que queremos fazer da nossa vida, o que efetivamente a pode sustentar.

Lewis acrescenta uma *nuance* a esta descrição. «Os Cristãos», escreve numa das famosas cartas de Escritorpe e Absintox, «descrevem o Inimigo [ou seja, Cristo] como Aquele “sem o qual Nada é forte”. E o Nada é muito forte. Suficientemente forte para roubar a um homem os seus melhores anos, não em doces pecados, mas num *insípido vaguear da mente* ao redor de não sabe o quê, nem porquê, na satisfação de curiosidades tão átonas que quase nem está ciente delas». ⁸

Torpor, volubilidade da mente e, como observa Orwell no seu profético romance *1984*, *apatia*: «Impressionou-o o facto de que aquilo que verdadeiramente caracterizava a vida moderna não era tanto a sua crueldade, nem o sentimento de insegurança geral que se vivia, mas sim aquele vazio, aquela apatia incolor». ⁹ É uma «apatia incolor» que corrói o íntimo do eu e que escava uma distância, um fosso, entre nós e aquilo que acontece: «Não havia nada, naquilo que me rodeava, que eu pudesse então respeitar ou por que me pudesse sentir atraído», escreve Dostoievski. ¹⁰

Nada parece, portanto, ser capaz de envolver verdadeiramente o eu. As relações que temos, as coisas que fazemos, aborrecem-nos, até aquelas que durante algum tempo nos entusiasmaram.

É este o rosto assumido hoje em dia pelo niilismo: uma astenia, uma ausência de tensão, de energia, uma perda do gosto de viver. «As riquezas são maiores, mas as forças menores; já não existe uma ideia que ligue os homens entre si, tudo amoleceu e enfraqueceu, tudo e todos se tornaram fracos e sem energia. Todos, todos, todos nós nos tornámos fracos!». ¹¹

⁷ C. Esposito, *O niilismo da porta ao lado*, entrevista de Davide Perillo, *Tracce-Litterae communionis*, novembro de 2019, pp. 12-18.

⁸ C.S. Lewis, *Vorazmente teu*. Grifo, Lisboa 1995 p. 61. Itálicos nossos.

⁹ Cf. G. Orwell, *1984*, Oscar Mondadori, Milão 1983, p. 97.

¹⁰ F. Dostoievski, *Memorie dal sottosuolo*, Mondadori, Milão 2011, p. 70.

¹¹ F. Dostoievski, *L'idiota*, Feltrinelli, Milão 2011, p. 476.

Por isso o Papa Francisco defende que hoje em dia «a grave ameaça [...] é a perda do sentido da vida».¹² É o que exprime de forma impressionante Cesare Pavese nesta poesia escrita quando tinha apenas dezassete anos: «Andar pelas ruas solitário / atormentado continuamente pelo terror / de ver desvanecer sob os meus olhos / as criações longamente desejadas; / sentir enfraquecerem na alma / o ardor, a esperança ... tudo ... tudo / e ficar assim sem um amor, / [...] / condenado à tristeza quotidiana».¹³

Há uns meses, escrevia-me uma jovem universitária: «No último período, como nunca tinha acontecido antes, dei-me conta de que vivo momentos de vazio, momentos em que o horizonte da minha vida é caracterizado pela diminuição do desejo e eu desapareço, vivo pela metade. O nada dentro de mim fala de forma delicada, incita-me a poupar-me: a poupar as minhas energias, porque só vale a pena fazer aquilo que me apetece, sem sequer ter em consideração outras propostas; a poupar nas relações, porque não vale a pena partilhar as minhas dificuldades. Em suma, incita-me ao mínimo indispensável e eu estou cada vez mais árida e descontente. Também nestes últimos dias de novembro me parece viver numa atmosfera sepulcral: diante de tantas belas ocasiões, desde a relação inesperada com os caloiros até à licenciatura dos amigos mais velhos, muitas vezes dou por mim fechada nos meus pensamentos e nas minhas dificuldades. Apercebo-me, precisamente, de que estou à mercê do nada, de um mal-estar que não consigo explicar».

À mesma experiência alude a passagem de uma outra carta, que recebi recentemente: «Estando em casa sem trabalho [por causa do isolamento imposto pela emergência sanitária] comecei a experimentar na pele o que é este nada a que te referes. Se este tempo não for preenchido por alguma coisa que permanece, é completamente vazio e eu sou um nada».

Mas não é tudo. Às características referidas junta-se, com efeito, também um sentimento de impotência para modificar a atitude que assumimos («a atitude impalpável de um vazio irre recuperável», dizíamos), para nos reerguermos, como se não bastassem os esforços e nem sequer certos estímulos que nos chegam de fora para nos voltar a pôr de pé, para fazer mudar o nosso olhar sobre nós mesmos e sobre as coisas, para nos fazer perceber a espessura da realidade e nos resgatar do vazio que sentimos.

É uma experiência dolorosa que è comum a muitos dos nossos contemporâneos. «Na verdade não há nada que consiga impedir o cada vez mais próximo regresso daqueles momentos em que a tua solidão absoluta, a percepção da vacuidade universal, o pressentimento de que a tua existência se está a aproximar de um desastre doloroso e definitivo, se combinam para te mergulhar num estado de verdadeiro e autêntico sofrimento».¹⁴

Precisamos de alguma coisa que seja capaz de despertar todo o alcance do nosso desejo e que nos volte a abrir à provocação da realidade, das circunstâncias, para que possamos «viver sempre intensamente o real».¹⁵ Damo-nos conta de que o simples acontecer das coisas não basta, encontramos na situação de quem tenta subir uma encosta e escorrega outra vez para trás, volta ao ponto de partida. Voltamos a cair no nosso nada. Não vemos o que se pode opôr a ele e não percebemos de onde partir. Estamos por isso profundamente desconfortáveis com nós próprios.

É o mal-estar identificado nos jovens – que, porém, se estende a todos – pelo psicanalista Galimberti, de quem citámos uma frase na Jornada de Início de Ano:¹⁶ «Os jovens não estão bem, mas nem sequer percebem porquê».¹⁷

«Ouvir esta frase de Galimberti na Jornada de Início», escreve-me um jovem amigo, «dilacerou-me o coração, porque descreve perfeitamente a minha vida neste período. Há já uns meses que surgiu em

¹² Francisco, *Audiência geral*, 27 de novembro de 2019.

¹³ C. Pavese, «A Mario Sturani», Monza - Turim, 13 de janeiro de 1926.

¹⁴ M. Houellebecq, *Estensione del dominio della lotta*, Bompiani, Milão 2007, p. 15.

¹⁵ L. Giussani, *O sentido religioso*, Verbo, Lisboa 2008, p. 151.

¹⁶ Referência à Jornada de Início de Ano dos adultos e dos estudantes universitários de Comunhão e Libertação com o título «Quem é este?», realizado em Milão a 29 de setembro de 2019.

¹⁷ U. Galimberti, «A 18 anni via da casa: ci vuole un servizio civile di 12 mesi», entrevista de S. Lorenzetto, *Corriere della Sera*, 15 de setembro de 2019.

mim uma espécie de insatisfação e de tristeza em tudo aquilo que faço. Vejo que esta insatisfação está em tudo, como se sob a máscara dos sorrisos e das mil coisas para fazer reinasse o nada, uma ausência de significado verdadeiro, uma ausência de letícia verdadeira. Faltando o significado, resta apenas o dever, uma obrigação inútil, que me puxa ainda mais para o fundo. Talvez seja precisamente este o niilismo de que nos falas tantas vezes. É um problema que tem a ver com a minha existência. Com efeito, é como se a vida agora fosse menos vida. E a primeira prova disto é que tudo aquilo que não corre de acordo com os meus planos se torna um pedregulho que me soterra. Basta um nada, uma pequena coisa que não corre como eu queria, e eu vou-me abaixo, rendo-me, deixo-me ir. Diante da realidade, estou como que resignado e triste. Apesar das máscaras, de tentar fazer de conta de que não é nada, de me esforçar por seguir em frente, dou-me conta de que, no fundo, diante de todas as coisas que me acontecem e que vejo, estou triste, mas não percebo o porquê. Há apenas alguns anos era o oposto, as dificuldades eram trampolins, não pedregulhos; agora, tento não ver a necessidade que tenho no coração, finjo que não existe, finjo que estou bem, já nada me espanta. Preciso de alguma coisa grande que vença o nada em que caí. Agradeço-te pela companhia que me fazes, desafiando-me com as tuas perguntas e peço-te uma ajuda, porque preciso de recomeçar a espantar-me, preciso de perceber aquilo que me acontece durante o dia, porque não quero permanecer neste nada». Deixamo-nos andar, contando com as coisas banais, sem pretensões, para preencher de algum modo o tempo que passa. «O nada não se escolhe, nós abandonamo-nos ao nada»,¹⁸ porque, como dizia Malraux, «não há um ideal ao qual possamos sacrificar-nos», pelo qual nos possamos verdadeiramente empenhar, «porque de todos conhecemos a mentira, nós que não sabemos o que é a verdade».¹⁹

O niilismo atual, como se vê, já não é o de antigamente, que se arremessava heroicamente contra os valores; o de hoje não é ambicioso: tem o rosto de uma vida “normal”, mas com qualquer coisa que rói por dentro, porque nada parece valer a pena, nada nos atrai, nada nos prende verdadeiramente. É um niilismo vivido de forma passiva, que penetra sob a pele e leva a um cansaço do desejo, como um maratonista esgotado um instante depois de ter partido. Augusto Del Noce falava de «niilismo alegre», «sem inquietações», que queria afogar o «*inquietum cor meum* agostiniano» em prazeres superficiais.²⁰

2. A liberdade encontra-se diante de um desafio

Neste contexto, a nossa liberdade encontra-se diante de um desafio. Perguntemo-nos: podemos limitar-nos a observar de forma desprendida o espetáculo do nada que avança na nossa vida, como escreve Houellebecq? «Posicionado no cruzamento do espaço e do tempo, / observo com olhar frio o avanço do nada».²¹

A liberdade também pode decidir não ver e fugir: «Ok, estamos à mercê do nada. Pfff, quero lá saber!», iludindo-se de que resolve o problema simplesmente desviando o olhar. Podemos sempre fazê-lo. Edgar Morin, um dos mais conhecidos pensadores europeus vivos, observa perspicazmente: «Compreendi que uma fonte de erros e de ilusões é ocultar os factos que nos perturbam, anestesiá-los e eliminá-los do nosso pensamento».²² Como que dizendo, vai-se o dente, vai-se a dor; olhos que não veem, coração que não sente. Tentámos de tudo, no tempo do Coronavírus.

Se Job tivesse vivido nesta nossa época, o seu amigo Zofar, para o consolar pelas desgraças sofridas, poderia ter-lhe dito: «Nos momentos de isolamento, é preciso distraímo-nos! Não há melhor analgésico do que o prazer!».

¹⁸ C. Fabro, *Libro dell'esistenza e della libertà vagabonda*, Piemme, Casale Monferrato (AL) 2000, p. 28.

¹⁹ A. Malraux, *La tentation de l'Occident*, Bernard Grasset, Paris 1926, p. 216; tradução nossa.

²⁰ A. Del Noce, *Lettera a Rodolfo Quadrelli*, Inédito, 1984. «O niilismo hoje corrente é o niilismo alegre, sem inquietação (talvez pudesse ser definido pela supressão do *inquietum cor meum* agostiniano)».

²¹ M. Houellebecq, *Cahier*, La nave di Teseo, Milão 2019, p. 23.

²² Cf. E. Morin, *Insegnare a vivere. Manifesto per cambiare l'educazione*, Cortina Raffaello, Milão 2015.

Mas isto é verdade? Podemos verdadeiramente ter sucesso na tentativa que Del Noce atribui ao niilismo alegre, ou seja, suprimir a inquietação do coração ou, como diz Morin, eliminar do nosso pensamento o avançar do nada? Que cada um olhe para a sua experiência e ajuíze. Podemos realmente resolver deste modo o problema, apenas virando a cara para o outro lado?

Há quem, como Andrea Momoito, tenha a sinceridade de confessar a impraticabilidade deste caminho: «Estás a viver um dia difícil? Não te preocupes, eu mando-te uma daquelas piadas parvas que continuamos a fazer circular por WhatsApp, ainda que de facto não as ache divertidas, ainda que me sinta uma cínica que tenta arrancar um sorriso aos outros enquanto tudo aquilo que quero fazer é ver o Hospital Central [uma série de TV, *ndt*]. Troco vídeos com a minha colega Andrea Liba, penso em imagens *gif* parvas para publicar no Instagram e depois vou-me abaixo porque não acredito em nada. Preciso de saber que o meu mundo está aqui, mas não é assim. [...] Já não tenho mais nada para dizer, senão que estou desesperada, que tenho dificuldade em compreender tanta alegria no ar e tanto otimismo, tantos pedidos de Zoom, tantos sms, tantos aplausos e tantas parvoíces. [...] Não me resta senão aprender a conviver com esta raiva. Esta raiva que me invade e pela qual não sei a quem culpar».²³

De forma igualmente sincera, Sol Aguirre confessa ter elaborado uma receita da qual ela mesma reconhece a inconsistência: «E eis-me aqui, a dizer parvoíces [...] para ver se por acaso uma delas provoca um sorriso num rosto carrancudo. O riso, mais uma vez, como antídoto para uma realidade demasiado sombria. O riso, tantas vezes tão desprezado, é sempre o meu remédio».²⁴

O facto é que, escreve Simone Weil, «ninguém [...] se contenta pura e simplesmente com viver [...]. Queremos viver para qualquer coisa»,²⁵ queremos viver intensamente.

«Podemos errar nas ideias, mas não é possível errar com o coração ou perder a nossa consciência devido a um erro».²⁶ Se não é possível errar com o coração, o que é que isto implica?

3. A surpresa

Diante da nossa incapacidade de resolver até ao fundo o nosso mal-estar – ou seja, o problema daquele nada que corrói os nossos dias –, podemos decidir não o ter em consideração, removendo-o. Mas, aqui está a surpresa, a dor permanece. E como! A inquietação do coração pode ser coberta, não suprimida; a insatisfação pode ser dissimulada, não eliminada. Há qualquer coisa em nós que, no fim de contas, não pode ser calada. Apesar das máscaras que pomos e de tentarmos fingir que nada se passa, esforçando-nos por seguir em frente, estamos tristes e tudo é como um pedregulho que nos esmaga. Muito diferente de “vai-se o dente, vai-se a dor!” A dor permanece. Porquê? Porque há em nós alguma coisa que resiste.

«Havia qualquer coisa que não morria dentro de mim, no fundo do meu coração e da minha consciência: alguma coisa que não queria morrer e que se manifestava sob a forma de uma ardente angústia».²⁷

O que é que resiste? Escreve-o Houellebecq na carta a Bernard-Henri Lévy que eu citei tantas vezes no último ano, precisamente porque me parece que testemunha de modo exemplar a dinâmica humana que estamos a descrever: «Para mim é penoso admitir que experimentei, cada vez com maior frequência, o desejo de ser amado. Um mínimo de reflexão convencia-me, [...] de todas as vezes, do absurdo de tal sonho [...]. Mas a reflexão não podia fazer nada, o desejo persistia e devo confessar que persiste até hoje».²⁸

²³ A. Momoito, *Público*, 10 de abril de 2020.

²⁴ S. Aguirre, *El Español*, 3 abril de 2020.

²⁵ S. Weil, *L'amore di Dio*, Borla, Turim 1979, p. 78.

²⁶ F. Dostoievski, *Lettere sulla creatività*, Feltrinelli, Milão 1991, p. 55.

²⁷ F. Dostoievski, *Memorie dal sottosuolo*, op. cit., p. 147.

²⁸ F. Sinisi, «Michel Houellebecq. “La vita è rara”», *Tracce-Litterae communionis*, junho de 2019, p. 65.

Então – insisto – não nos enganemos e não deixemos que ninguém nos engane, dizendo que basta olhar para o outro lado para resolver o problema: o niilismo encontra um ponto de resistência acima de tudo em nós próprios. Prestemos atenção a isto.

Diante do desafio do coronavírus, Isabel Coixet tem de admitir a sua impotência: «Tudo aquilo que dávamos por adquirido já não existe. E aquilo que se abre diante de nós é um nevoeiro cerrado, privado de luz. Reconheço que não sei viver esta hora, estes minutos que estão a tornar-se eternos».²⁹ A realizadora espanhola reconhece que não consegue estar diante daquilo que está a acontecer, a ela e a nós, e isto provoca-lhe um mal-estar que transforma os minutos que passam num pesadelo que parece não ter fim.

Sol Aguirre, por seu lado, descreve a experiência do isolamento: «Durante a primeira semana de confinamento tive medo. Não só por causa do vírus, mas também pela possibilidade de que a tristeza me viesse visitar. Refiro-me àquela insuportável e duradoura tristeza que ofusca a vista e a vida. Não o confessei a ninguém porque sei o que me diriam: sê feliz, faz projetos, encontra soluções».³⁰

O que se torna evidente nestas reações, nestas confissões sinceras e abertas? A permanência daquela estrutura original do homem que é o desejo. É espantoso ver isto em alguém como Houellebecq, como atesta a carta citada. «A atitude original na qual o homem é criado – escreve Giussani – é a de um ímpeto com uma direção e um termo precisos, ou seja, uma tendência ao próprio mistério que coloca este termo, uma tendência ao infinito de Deus; *Fecisti nos ad Te, Domine, et irrequietum est cor nostrum donec requiescat in Te* (Santo Agostinho)».³¹ É esta estrutura original que se anuncia, na sua irredutibilidade, precisamente no fundo do niilismo, que se tornou hoje hábito cultural e fenómeno social.

Qual é então o primeiro gesto de quem não quer viver fugindo de um problema que não sabe resolver? Reconhecer, precisamente neste contexto de vazio de sentido, que há alguma coisa de irredutível, que resiste ao niilismo, a todo o cinismo racionalista, como demonstra de forma emblemática um niilista como Houellebecq. O que é que resiste? O meu eu, irredutível.

Se estiver atento, tenho de reconhecer a persistência de uma estrutura elementar do meu eu, de mim, embora seja afetado pelo vazio de sentido no qual estou imerso, tendo-se este tornado, de há algum tempo para cá “clima”, “cultura”: quanto mais o nada se espalha, tanto mais as feridas e as expectativas da nossa humanidade emergem com toda a sua força, já não encobertas pelas dialéticas culturais e pelos projetos coletivos, que já não nos dominam: são expectativas e feridas que emergem com o seu rosto mais elementar, sem a armadura de demasiados discursos.

«Havia alguma coisa que não morria dentro de mim», dizia Dostoievski. E Chesterton nota: «Só quando naufragamos de verdade, é que identificamos de verdade aquilo de que precisamos».³²

Vimos isto de forma surpreendente quando explodiu a epidemia do Coronavírus. Despertados do nosso torpor, surgiram as perguntas. «Estávamos numa época – afirma Maurizio Maggiani, entrevistado pela *Tracce* – que parecia ter acabado ali. Em que já não podia acontecer mais nada, tudo tinha uma lógica própria, inatacável. O sistema não podia ser danificado. Vivíamos como que dizendo: o que querem mais? O que querem de melhor? E onde está o mais? Onde está o melhor? Era o fim da história. [...] Uma charneca infinita, uma terra plana. E, pelo contrário, um movimento telúrico encrespou esta vastidão imóvel e fez dela uma paisagem conturbada». Qual foi o primeiro resultado deste terramoto? As perguntas. «É necessário que cada um se faça as perguntas, porque nos colocam num espaço menos estreito, arrancam-nos das barras da prisão a que nos confinámos. [...] Nos tumultos, no nosso caos, nós podemos conduzir-nos à razão, à condição adulta. Como?

²⁹ I. Coixet, *ABC*, 31 de março de 2020.

³⁰ S. Aguirre, *El Español*, 10 de abril de 2020.

³¹ L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*, Companhia Ilimitada, São Paulo 1996, p. 269.

³² G.K. Chesterton, *Le avventure di un uomo vivo*, Mondadori, Milão 1981, p. 62.

Precisamente perguntando. Fazendo perguntas». Diante das perguntas, aplaca-se «toda a arrogância, a soberba»,³³ que tantas vezes nos acompanham.

Desafiados por uma circunstância vertiginosa, as perguntas abriram brechas nas paredes da zona de conforto em que nos tínhamos refugiado. A bolha desfez-se em pedaços: «Vivemos demasiado tempo sob anestesia», diz Nuria Labari, «fazendo parte de um sistema demasiadas vezes errado nos seus fundamentos».³⁴ Fizemos experiência daquilo que Giussani afirma no décimo capítulo de *O sentido religioso*: «Alguém que tivesse vivido pouco o impacto com a realidade, porque, por exemplo, tivesse tido muito poucas obrigações, teria um débil sentido da consciência pessoal, pouco perceberia da energia e vibração da sua razão».³⁵

Há momentos em que a realidade nos atinge com tanta força que é difícil atenuar-lhe o golpe, iludir ou ignorar a sua provocação. Aquilo que aconteceu despertou – com o contributo da nossa liberdade – a nossa atenção, voltando a pôr em movimento a nossa razão, libertando as perguntas de sentido que exprimem a sua natureza. Estou a falar daquela urgência de significado que nos constitui e cujo impacto – aceite – com a realidade nua e crua trouxe ao de cima de forma imponente. Foi neste sentido que falámos de um «despertar do humano».³⁶

Quanto mais o niilismo avança, mais se torna evidente a impossibilidade de viver sem um sentido, mais se faz sentir o desejo indestrutível de sermos queridos, de sermos amados.

Foi o que aconteceu ao «filho pródigo»³⁷ de que fala o Evangelho: quanto mais baixo desce, mais surge nele, surpreendentemente, a saudade do seu pai. Mas também quem pensa que não tem um pai – como quem se identifica com a posição descrita por Houellebecq – se dá conta de que o desejo de ser amado persiste, irredutível.

«O nosso tempo desconfia das palavras, foge dos dogmas. E, no entanto, conhece o significado do desejo. Deseja confusamente, sem saber o quê, sabendo apenas que tem a sensação de ter em si um vazio que precisa de ser preenchido».³⁸ Este desejo não diminui, não se extingue. Por isso Tchékhev diz que para percebermos quem está à nossa frente, o ponto para onde olhar é o seu desejo: «Quando no passado me vinha a vontade de perceber alguém, ou a mim mesmo, examinava já não as ações [como, pelo contrário, fazemos nós: com um encarniçamento moralista em relação a nós próprios, bloqueamos facilmente o olhar naquilo em que erramos, para depois nos “fustigarmos”], em que tudo é complicado, mas os desejos». É o que faz Jesus: o que é que ele vê, com efeito, na Samaritana? A sua sede, o seu desejo. Ele dirige-se à sede daquela mulher: «Eu tenho uma água, uma água nova, diferente, a única que satisfaz a tua sede».³⁹ Neste sentido, Tchékhev declara: «Diz-me o que desejas, dir-t-ei quem és».⁴⁰

Todo o nosso eu está no nosso desejo, tudo está naquilo que verdadeira e profundamente queremos. E tu, o que queres agora, o que desejas? «Creio que este meu contínuo apelo ao desejo, que me vem da experiência da minha vida, [...] é uma das coisas que torna mais simpático [mais interessante] aquilo que digo, porque é uma coisa evidentemente humana, mas é a coisa menos aceite de todas»,⁴¹ porque tantos desejariam sufocá-la – como dissemos há pouco –, olhar para o outro lado, pisá-la. Como viver nesta situação? De onde partir para recuperar a vida que corremos o risco de perder? Esta pergunta exprime uma urgência existencial, é como um espinho cravado na carne. Devido à irredutibilidade do desejo, que resiste apesar do nada se espalhar e que torna dramática a vida fazendo

³³ M. Maggiani, «Il cambio della vita», entrevista de Alessandra Stoppa, *Tracce-Litterae communionis*, maio de 2020, pp. 15-16.

³⁴ N. Labari, *El País*, 18 marzo 2020.

³⁵ L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 141.

³⁶ Cf. J. Carrón, *O despertar do humano, Reflexões de um tempo vertiginoso*, Bur, Milão 2020, ebook.

³⁷ Lc 15,11-32.

³⁸ E. Varden, *La solitudine spezzata. Sulla memoria cristiana*, Edizioni Qiqajon - Comunità di Bose, Magnano (Bi), 2019, p. 143.

³⁹ Cf. Jo 4,4-42.

⁴⁰ A. Tchékhev, «Una storia noiosa» em Id., *Racconti*, Einaudi, Turim 1974, p. 201.

⁴¹ Fraternidade de Comunhão e Libertação (FCL), *Documentação audiovisual*, Jornada de meditação para os casais, Milão, 23 de janeiro de 1977.

arder ainda mais a pergunta, estamos diante de uma alternativa: ou resignarmo-nos, olhando para o outro lado, fingindo que não se passa nada e enganando-nos a nós próprios, ou deixar que o nosso desejo grite, seguir a urgência do coração que ninguém consegue extinguir. Podemos reconhecer o real, começando pelo nosso mal-estar, e gritar.

Mas... é razoável gritar se – no fim – não há nada? Às vezes damos por nós desencorajados, cansados de gritar. Outras vezes prevalece a dúvida sobre se vale a pena gritar. A razão deste desencorajamento, desta dúvida, é que temos como óbvia a existência do grito do coração, daquele desejo que resiste a qualquer niilismo. Mas a existência do grito, da pergunta, do desejo, é a coisa menos óbvia que existe. Tanto assim que, quando pensamos nisso, começamos a maravilhar-nos com a sua existência. Ora, o que implica a existência do grito?

Se existe o grito, existe a resposta. Uma afirmação deste tipo torna-se às vezes difícil de perceber. O motivo é o que foi referido: nós damos como óbvio o grito. Usando a fundo a razão, fiel ao que surge na experiência, Giussani identifica uma lei permanente: «A afirmação da existência da resposta» está «implícada no facto mesmo da pergunta».⁴² Por misteriosa que seja, a resposta existe. Está implicada na pergunta (neste sentido, na entrevista citada, Maggiani observa que a resposta «está já na pergunta»⁴³). De facto, prossegue Giussani, «não admitir a existência de resposta é suprimir a pergunta».⁴⁴ O pedido de significado, de amor, de realização, é afirmação implícita de uma totalidade, «de uma resposta última que está *para além* das modalidades existenciais experimentáveis», mas existe. Porque é que eu sei que existe? Porque – repito – a sua existência está implicada no próprio dinamismo da minha pessoa, na estrutura exigencial da minha humanidade. «Se fosse eliminada a hipótese de um “além”, essas exigências seriam sufocadas contra a natureza».⁴⁵

4. Um «tu» que acolhe o grito

O pedido de significado total, de amor e de realização totais, é constitutivo da nossa razão, é a sua máxima expressão. O simples facto de ele se colocar “obriga-nos” a afirmar a existência da resposta, ainda que para lá do horizonte daquilo que nós medimos.⁴⁶ Caso contrário não existiria o grito, não poderíamos explicar a existência do pedido. Quando abolimos a categoria da possibilidade, que é o próprio tecido da razão, quando, devido à dificuldade de afirmar a resposta, dizemos: «Não é possível», negamos a razão na sua própria essência, deprimimos o seu dinamismo vital. Se me encontrasse perdido numa floresta, gritar «Socorro!» seria o gesto mais razoável. Mas gritar implica a possibilidade de haver alguém que ouve o meu grito. Por mais remota que seja, com efeito, não posso nunca excluir de forma *absoluta* a possibilidade de que outro me esteja a ouvir. Caso contrário, seria absurdo gritar. Por isso, no exato momento em que – devido às dificuldades que encontro – nego a possibilidade de que alguém oiça o meu grito, suprimo o grito, a minha razão obscurece-se. Cá está, é esta «irracionalidade» (este «não espero»⁴⁷) aquilo por que o homem contemporâneo – cada um de nós – é fortemente tentado: por causa das dificuldades que encontra ao longo do caminho, diz: «Não é possível» e, negando a possibilidade da resposta, experimenta o enfraquecimento do pedido, o obscurecimento da razão, a debilidade do desejo. Quando é que o pedido redesperta? Quando encontramos diante de nós uma presença que responde, uma presença à altura do nosso pedido de totalidade. Não temos dificuldade em imaginar, portanto, como se terá elevado, forte e impossível de conter, o grito do cego Bartimeu quando soube que se estava a aproximar alguém de quem tinha ouvido dizer que respondia ao pedido mais profundo da vida dos homens.

⁴² L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 84.

⁴³ M. Maggiani, «Il cambio della vita», op. cit., p. 15.

⁴⁴ L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 83.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 159.

⁴⁶ Escreve Giussani: «O vértice da conquista da razão é a percepção de um existente desconhecido, inatingível, a que todo o movimento do homem é destinado, porque também é dele que depende. É a ideia de *mistério*» (L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 162).

⁴⁷ Cf. L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 104.

«Quando ia a sair de Jericó com os discípulos e uma grande multidão, estava um cego, chamado Bartimeu, filho de Timeu, a pedir esmola à beira do caminho. Ao ouvir que era Jesus de Nazaré que passava, começou a gritar [grita-se diante de alguém. Terá passado muita gente ao pé de Bartimeu, mas só quando ouviu falar daquele homem, alguém com nome e apelido, é que começou a gritar:] [...] “Jesus, Filho de David, tem piedade de mim!” [não se grita diante de qualquer um, grita-se diante de alguém que tem um nome concreto]. Muitos repreendiam-nos para que se calasse. Mas ele gritava cada vez mais: “Filho de David, tem piedade de mim!”. Jesus parou e disse: “Chamai-O!”. Chamaram então o cego e disseram-lhe: “Coragem! Levanta-te, que Ele está a chamar-te!”. O cego atirou fora a capa, deu um salto e foi ter com Jesus. Jesus perguntou-lhe: “Que queres que Eu te faça?”».⁴⁸

Desde então, desde que Jesus irrompeu na história, existe no horizonte de vida dos homens uma Presença a quem gritar, Alguém que, diante do grito de cada um de nós, nos pergunta: «Que queres que Eu te faça?». Há Alguém que abraça o nosso grito, uma Presença que já ninguém pode eliminar, pois é um Facto que aconteceu e que acontece, contemporâneo, que permanece na história. É oferecida a cada uma de nós a possibilidade de o encontrar. Qualquer que seja a situação em que nos encontramos, a aridez ou o cansaço que temos dentro de nós, a incapacidade de sermos tomados pelas coisas ou o nada que nos assalta, ninguém poderá evitar, qualquer que seja a posição que assume, ser alcançado, ouvir ressoar, rimbombar a pergunta de Cristo como sendo dirigida a si pessoalmente: «Que queres que Eu te faça?». E nada nos pode impedir de responder como o cego Bartimeu: «Mestre, que eu veja!»,⁴⁹ que eu possa «ver», ou seja, experimentar a Tua atração que me arrasta para fora do nada.

Por que razão estamos juntos? Porque também nós, como Bartimeu, nos apercebemos desta Presença capaz de acolher o grito da nossa humanidade, despertando um último, irredutível amor por nós mesmos, uma de outra forma impossível ternura por nós mesmos, e sustentando o nosso caminho para que não resvalemos no nada. Estamos juntos para gritar como o cego do Evangelho. Só porque existe esta Presença, só deixando espaço para ela em nós e entre nós, é que podemos viver plenamente. Deixar espaço em nós para esta Presença tem um nome. Qual? Silêncio. «O silêncio [...] não é um nada, o silêncio é uma oração, é a consciência de estar diante de Deus, [...] é um pedido».⁵⁰ Perdemos muito tempo a falar de coisas que não têm nenhum valor e não nos oferecem nenhuma ajuda para viver. Diante de todos aqueles que nos dizem – das várias maneiras com que a distração se pode alimentar –: «Não grites, não grites, não grites!», podemos, porém, fazer como Bartimeu, que gritava ainda com mais força: «Jesus, tem piedade de mim!». Se vibrar em nós nem que seja um mínimo amor por nós mesmos, este grito enche o nosso silêncio. No inevitável drama da vida, podemos não censurar, não sucumbir à nossa vulnerabilidade e à nossa impotência, porque existe uma Presença que nos abraça, que abraça toda a nossa humanidade confusa e irrequieta, que se debruça sobre as nossas feridas e nos pergunta: «Que queres que Eu te faça?».

⁴⁸ Mc 10,46-51.

⁴⁹ Mc 10,51.

⁵⁰ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, Bur, Milão 2018, pp. 212-213.